



Representações femininas na mídia impressa: Um estudo da presença das mulheres como fontes de informação no jornal Gazeta do Povo¹

Maria Fernanda Lameu Teixeira²
Karina Janz Woitowicz³

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

O presente artigo se desenvolve com o intuito de identificar qual é o espaço usado pelos jornais para representar homens e mulheres nos textos. Está fundamentado em uma perspectiva dos estudos de gênero e também busca entender os modos de produção jornalística. O estudo foi um monitoramento de mídia impressa durante o período de março, maio, e abril de 2011. O veículo analisado foi o jornal paranaense Gazeta do Povo. A metodologia para análise dos textos baseia-se no Projeto de Monitoramento de Mídia Global, realizada desde 1995 em diversos países. Os resultados confirmam a disparidade e padronização da aparição feminina e masculina nas notícias dos mais variados assuntos. Confirmando assim o poder do jornalismo de reafirmar arquétipos sociais especialmente no âmbito de gênero.

Palavras-chave

Estudos de gênero; mídia impressa; representações femininas.

Introdução

Para além de reafirmar certas características perpetuadas pelos meios de comunicação no tratamento das questões de gênero, estudar a presença das mulheres na mídia constitui um modo de compreender as dinâmicas cotidianas da sociedade. O jornalismo, enquanto um produto da sociedade em determinado tempo e espaço, traduz e constrói um modo de ‘anunciar’ os fatos que é capaz de reproduzir ou romper com determinadas hierarquias e estereótipos de gênero.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Acadêmica do 3º ano do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, bolsista do Programa PIBIC/CNPQ, integrante do Grupo de Estudos de Gênero e Mídia da UEPG. E-mail: mafer-tx@hotmail.com

³ Jornalista, professora Dra. do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Mídia da UEPG. E-mail: karinajw@hotmail.com



O artigo busca compreender de que forma o jornalismo divulga e projeta representações masculinas e femininas, ancorado numa perspectiva de gênero. Ao trazer resultados de uma pesquisa de monitoramento da mídia impressa do Paraná (Gazeta do Povo), no período de março a abril de 2011, busca-se identificar nos principais textos publicados nos jornais a presença e o lugar ocupado pelas mulheres.⁴

Em um primeiro momento explicamos como alguns autores definem a questão das representações na mídia e a construção de realidade. Também apresentamos os conceitos que fundamentam o tema gênero. Ao longo do trabalho, são apresentados os dados quantitativos resultantes da coleta de dados, bem como algumas observações que elucidam o tratamento de homens e mulheres nas notícias.

Mulheres e homens na representação jornalística

Por intenção da linha editorial particular de cada veículo, ou por pura inércia do sistema das rotinas produtivas, algumas categorias da sociedade são transmitidas pelos meios de comunicação baseadas em padrões pré-concebidos. Acredita-se que o jornalismo pode imprimir valores a setores específicos da sociedade que retrata. Seu poder é tanto que tende a reforçar tais características já estabelecidas ou transformá-las.

O jornalismo também pode funcionar como instrumento documental da organização da sociedade, já que é produto da mesma. As notícias são, portanto, o resultado de um processo edificador de uma realidade social que sofre interferência de fatores de natureza pessoal, histórica, entre outros (SOUSA). É nesse âmbito construtivista do jornalismo, que determina a atribuição de estereótipos a homens e mulheres no processo de confecção da notícia, que se insere o presente estudo.

Para compreender a interface entre estudos de gênero e teorias do jornalismo é preciso abordar, neste trabalho, o que se entende por gênero. Segundo Joan Scott (1990) gênero é o papel determinado socialmente a um corpo sexuado. Trata-se de funções predestinadas específicas, uma para o homem e outra para mulheres, definidas culturalmente.

A historiadora Joana Maria Pedro tenta definir o conceito de gênero a partir do pensamento feminista de meados da década de 1980. Para ela,

⁴ O artigo é resultado de pesquisa realizada pelo grupo de estudos de Gênero e Mídia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob a coordenação das professoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz.



[as feministas] Buscavam, desta forma, reforçar a idéia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” enquanto questão biológica, mas sim, eram definidos pelo “gênero” e portanto ligadas à cultura. (PEDRO, 2006, p. 2).

Assim como ocorre delegação de poder para cada sujeito em outros setores da sociedade (corporações, organizações não governamentais e Estado), nos estudos de gênero tenta-se compreender como são distribuídos papéis de poder dentro da sociedade enfocando os papéis de gênero dos indivíduos. Quando trazidas para a mídia essas considerações de “construção das características do gênero”, entende-se que estão implícitas ao modo de produção do jornalismo, que pode vir a fazer atribuições aos homens e mulheres porque estão impregnadas nos discursos da sociedade. Uma explicação para isso é abordada por Scott:

Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação, no fato de que as mulheres têm as crianças e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções sociais”- a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1990, p. 7).

Visto que o jornalismo é responsável pela construção de uma representação social, assim como é a concepção do termo gênero, os produtos da mídia passam a ser fundamentais para as pesquisas no âmbito. Como usa personagens para a construção dos textos jornalísticos, em diferentes mídias, os veículos são formadores de uma imagem subordinada ao espaço, voz e a denominação que se concede para cada fonte de cada sexo. Por vezes o jornalismo pode vir a ser um reafirmador de consensos.

Portanto, é enfocando a construção social da realidade que cabe ao jornalismo, especificamente no que toca as características destinadas ao sexo feminino e masculino, e os espaços cedidos às personagens de um sexo ou outro, a produção de representações. É neste contexto fundamentado na construção das representações de gênero pela mídia, em seus processos de produção, que se baseia o presente artigo.



Torna-se pertinente, neste sentido, a realização de estudos de monitoramento de mídia, com vistas a concretizar o jornalismo como reafirmador de identidades e tentar compreender os modos de produção dos meios com ênfase na construção da imagem de homens e mulheres.

A desigualdade no espaço para homens e mulheres nas notícias

Tomamos como base os estudos do grupo WACC com o Projeto de Monitoramento de Mídia Global, realizado desde 1995. A base de pesquisa foi aplicada ao jornal paranaense Gazeta do Povo durante os meses de março, abril e maio de 2011. Foram analisadas quantitativamente, em um primeiro momento, as cinco principais matérias de capa que constavam no primeiro caderno (Vida e Cidadania), buscando identificar a presença e o lugar cedido a homens e mulheres como fontes das notícias.

Assim, seguindo a metodologia de monitoramento de jornal proposta pela WACC, foram consideradas as seguintes categorias de análise para o jornal Gazeta do Povo⁵: identificação da notícia (assunto e espaço da notícia), autoria da notícia (identificação por sexo), pessoa na notícia (identificação por sexo, idade, profissão/posição, função na notícia, verificação de ocorrências relativas à identificação das fontes por relacionamentos familiares, vítima ou sobrevivente). Além disso, registra-se se as pessoas são citadas diretamente nas notícias, se há foto, se as mulheres são o centro da notícia e também há uma avaliação se a notícia destaca assuntos relacionados à igualdade ou desigualdade entre homens e mulheres e se desafia ou reforça estereótipos femininos e/ou masculinos. Diante destes vários elementos considerados, realizou-se um levantamento de dados em que se destacam alguns aspectos, analisados separadamente em cada jornal, conforme informações que seguem.

No método utilizado, os dados diretamente ligados com o sexo são quanto à autoria dos textos e as fontes utilizadas nos mesmos. Durante os três meses de coleta, 307 matérias foram coletadas. As fontes que compuseram essas matérias contabilizaram 1173 pessoas. Os homens presentes nas notícias totalizaram 829, o que quer dizer mais da metade, aproximadamente 70%. Já as mulheres das 1173 pessoas entrevistadas chegaram a 344, um total de 30%, muito distante dos 70 alcançado pelo sexo masculino.

É interessante observar que, por mais que o número de mulheres entrevistadas seja menos da metade de homens, em relação à autoria a situação é diferente: 152

⁵ Para cada categoria, seguem-se os códigos determinados no esquema metodológico de análise, possibilitando assim o enquadramento de cada matéria em opções pré-estabelecidas.



mulheres escreveram as notícias, 14 a mais que os 138 homens autores das notícias. É importante ressaltar que o número de autores não coincide com o número de matérias coletadas, já que algumas são de autoria de agências, e outras ainda são escritas em duas pessoas ou ainda podem ser advindas da redação.

Abrindo espaço para cruzamento da variável que indica as fontes que receberam espaço de citação direta com o indicador do sexo, chega-se a outro dado interessante. Considerando que o espaço de aparição é maior para as fontes que tiveram suas falas divulgadas diretamente, aparece outra diferença. Parte das mulheres consultadas não teve seus discursos transmitidos literalmente (citação direta); apenas 205 tiveram suas falas transcritas, cerca de 100 foram citadas indiretamente, o que dá um total de 59% que apareceram diretamente. Já quanto às fontes masculinas 564 tiveram frases literais, 68% do total de fontes. Ou seja, até a proporção de fontes citadas diretamente é desigual, em que 11% dos homens tem mais espaço que as mulheres de enunciação direta. A introdução de uma foto na matéria também é uma forma a mais de ceder espaço à fonte. Esse dado vai contra os outros elucidados: as matérias em que as mulheres entrevistadas ou tema da notícia vieram acompanhadas de fotografia contabilizaram 57 contra 41 fotos dos homens, o que revela uma desproporção de 16% de fotos femininas e apenas 5% de fotos masculinas.

O uso das fontes também foi classificado quanto à profissão. A escolha dos autores dos textos pela fonte com uma profissão específica parece seguir uma lógica estigmatizada da sociedade atual sobre qual sexo deveria responder por qual setor. Por exemplo, o número de empresários, gerentes ou comerciantes entrevistados foi de 62 homens contra apenas 12 mulheres no âmbito dos negócios. Outra profissão estereotipada é a área da engenharia em que o jornal também reafirma o imaginário social quando usa apenas 6 mulheres para informações sobre o assunto e 33 homens. Partindo para o âmbito da política, a situação de abordagem de impresso é ainda mais desigual: 143 homens para 44 mulheres.

Tratando de profissões mais híbridas, que nos últimos tempos tem diversificado seu campo profissional, temos o exemplo de profissionais da educação (desde escolas de ensino fundamental até a faculdade) e do exercício do direito (juristas, magistrados e advogados). Os dados encontrados para esses grupos são respectivamente 54 profissionais do sexo feminino e 142 do masculino, e 17 mulheres contra 71 homens. Quanto a ativistas e incentivadores de uma causa, defensores de um grupo a mesma situação se repete são 62 homens e apenas 8 mulheres entrevistadas.



Em nenhuma de todas as 27 variáveis disponíveis para a coleta a mulher se sobrepõe ao homem, ou apenas teve o mesmo número de ocorrências, em relação à profissão. A única categoria em que as mulheres se destacam diz respeito ao número de donas de casa entrevistadas, que obviamente foi maior que o do homem, pelo simples motivo de só ser composto por mulheres, 27 donas de casa entrevistadas (conforme citado acima, é um número maior do que a aparição nas categorias de ativistas, advogados, engenheiros e empresários nos três meses de coleta).

Outro quesito em que as mulheres tiveram maior contabilização de dados do que os homens foi o das profissões não identificadas, em que 48 mulheres não tiveram suas profissões especificadas ante apenas 32 homens. Esse dado pode significar que os homens só não estão em mais categorias de profissão como sua presença torna a presença das mulheres no mercado de trabalho quase invisível.

Na base de coleta também há uma variável quanto à função da fonte na notícia. As mulheres e os homens poderiam ser definidos como sendo assunto da notícia (em que se busca a fonte pelo que ela fez ou disse algo), porta-voz (quando a fonte fala em nome de uma organização, ou um grupo de pessoas), perito/comentarista (em que a fonte é consultada por ter uma especialização específica no tema), experiência pessoal (em que a fonte dá seu depoimento embasado na própria experiência), testemunha ocular (o depoimento se baseia em observações diretas), opinião popular (espera-se que essas fontes representam a opinião de uma maioria da população, são pessoas encontradas nas ruas, geralmente em enquetes).

A disparidade entre as funções é reveladora das assimetrias de gênero no jornalismo, já que se considera a intenção do jornalista com a busca de determinada fonte. Nos dados que seguem, as funções femininas não chegam à metade elencada para os homens. Na variável testemunha ocular, 248 foram consultados e apenas 92 mulheres, já no quesito experiência pessoal 134 homens foram entrevistados e apenas 77 mulheres. Este último é o quesito em que a diferença entre homens e mulheres representados é menor, são os dados mais equilibrados. Em relação aos homens que geraram assunto das notícias, foram contabilizados 171, e as mulheres 84. As fontes como porta-voz não foram expressivas em nenhum dos meses contabilizando no total apenas 12 mulheres e 71 homens. 71 foram as mulheres consultadas com objetivo de fornecer informação com base no conhecimento específico e os homens 225.

As fontes de perito/ comentarista merecem uma análise especial, pois seu resultado chega à afirmação de que as mulheres não têm espaço para oferecer



informação específica de qualidade, visto que a diferença entre o tanto de homens e o tanto de mulheres pesquisados foi a segunda maior, foram 154 fontes masculinas consultadas a mais que as mulheres.

Quanto aos resultados de experiência pessoal e testemunha ocular, são dados que tratam de pessoas que presenciaram um fato ou tiveram uma experiência específica com esse fato. Portanto, não há motivo para a reprodução das assimetrias entre homens e mulheres como fontes nas notícias.

Uma leitura das mulheres nas páginas da Gazeta do Povo

Partimos agora para uma análise qualitativa de algumas matérias, do total de textos coletados, que apresentaram um diferencial. Além de todas as variáveis já explicadas no texto, também havia na base de coleta a classificação das fontes quanto à presença de indicador de relacionamento familiar e se a pessoa era ou não vítima. Quanto à construção do texto se questionava se este era capaz de reforçar, ou não, algum estereótipo do âmbito de gênero, promovendo atribuições ao sexo feminino e masculino.

Nem todas as matérias tiveram algumas das classificações citadas. Para exemplificar a construção textual de cada uma das variáveis, escolhemos uma notícia como exemplo para cada um dos focos.

Na reportagem do dia 9 de abril de 2011, escolhida para representar um exemplo de fonte enquadrada com relação familiar foi a de seguinte título “Lágrimas e revolta nos enterros”. Refere-se ao caso do rapaz de 23 anos que entrou na escola Tasso da Silveira, no bairro do Realengo no Rio de Janeiro, e matou 12 adolescentes e feriu outros tantos. Foi a matéria escolhida por ser uma das que concentra mais designações de relação familiar, e de vítimas também.

Não é intenção do artigo analisar os pontos em que o tratamento do veículo foi superficial ou sensacionalista. Por mais que se entenda que esses pontos devem ser estudados para influir na diminuição dessa prática pelos meios de comunicação, o que se presente aqui é verificar em que situação as relações familiares são destinadas a um homem ou a uma mulher.

A notícia do dia 09/04/2011 preenche toda a página, com duas colunas de texto, fotos dos enterros das vítimas, fotos das crianças assassinadas e um breve perfil sobre cada uma delas. No início do texto é anunciado o enterro de 11 das 12 vítimas. Na tentativa de retratar a atmosfera do sepultamento o/a autor/a (que não é identificado pois



configura uma notícia de agência) enumera as pessoas que passaram mal e tiveram que ser encaminhadas para o entendimento médico. O único caso especificado é o de uma tia-avó de uma das vítimas que teria sofrido um enfarte dentro do cemitério. Ele/a relata sobre algumas músicas religiosas entoadas pelos familiares durante os enterros que aconteceram em quatro cemitérios da cidade do Rio de Janeiro. Também apresenta depoimentos de familiares dos adolescentes. São padrinho, tia, irmãs, colega de classe e amigo de algumas das vítimas. O depoimento deles é baseado em relações íntimas com as vítimas. Dos adultos entrevistados, dois eram homens e uma mulher, os três apresentados com sua profissão. Constaram também nas pessoas da notícia a ministra da Secretaria dos Direitos Humanos e o secretário de Segurança do Rio de Janeiro. Ambos apresentados na posição de cidadãos comovidos com a causa.

No caso desta notícia, como de outras que tratam de desastre natural, crimes, acidentes, enfim, tragédias envolvendo vítimas, é comum apresentar fontes que tenham relação familiar com as vítimas. Também foi observado como comum em outras matérias de mesmo tema identificar a idade de cada uma das pessoas citadas, seja dos parentes ou das próprias vítimas. A grande maioria das causas que determinam que as fontes tenham suas idades mencionadas é por ser vítima, criança ou idoso.

Outro fato que gerou muitas notícias contendo fontes com relação familiar foi o “Caso Abagge”, que resultou em desdobramentos de notícias durante alguns dias. O dia que escolhemos analisar é a edição de 30 de maio de 2011, que angariou maior número de fontes e é a notícia mais completa do conjunto de publicações. O caso refere-se ao julgamento do assassinato do menino Evandro Ramos de Souza em 1992. A reportagem traz a informação de que a suspeita, Beatriz Cordeiro Abagge, havia sido sentenciada a 21 anos de prisão.

As primeiras fontes citadas são a ré, o juiz e a vítima. Depois, os autores Gabriel de Azevedo e Adriana Czelusniak fazem uma reconstrução das decisões judiciais referentes ao caso e lembram da mãe de Beatriz, que também teria participado do crime. Mais a frente há uma entrevista com Celina e ao lado uma entrevista com os pais de Evandro. Três casos em que se identifica relação familiar, dois referentes a mulheres. Do lado direito da página há uma parte destinada à reconstrução da história, de tudo o que já ocorreu desde 1992. Há uma sequência de fotos de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o crime, Entre eles Evandro, mãe e filha Abagge e outros três homens suspeitos de terem participado do assassinato.



Já no espaço do texto os autores propõem um questionamento sobre as decisões judiciais tomadas pela consulta de três juristas. Dentre eles dois professores, um da Universidade de São Paulo (USP) e outro especialista em Processo Penal da Universidade Federal do Paraná. O primeiro faz uma observação sobre o sistema penal brasileiro, e o segundo opina sobre a demora de tantos anos de processo. O outro é o advogado de defesa do caso que informa sobre a continuidade do processo.

Os professores universitários consultados personalizam uma constante observada nos resultados da coleta quantitativa como um todo. A posição na notícia como comentarista, ou seja, baseada em um conhecimento específico, especialista sobre o tema, é predominante em fontes masculinas. As mulheres raramente aparecem com essa função.

A próxima reflexão é introduzida com um texto que se contrapõe ao exemplo anterior, em que as relações familiares são apresentadas quando há presença de vítimas. Inserimos a análise aqui na tentativa de apresentar um trabalho o mais completo possível que possa retratar a diversidade dos textos publicados. A pormenorização de agora tenta exemplificar uma notícia que enquadra relação familiar entre as fontes sem necessariamente apresentar um fato que envolva acidentes ou vítimas. Relembrando: o exemplo a seguir compõe uma minoria em relação aos textos observados.

Falamos agora do texto intitulado “No ligeirão, com o consultor do governo Obama”. O texto é sobre um passeio pela cidade de Curitiba feito com o ex-assessor de Barack Obama durante visita ao Brasil. A jornalista Bruna Maestri Walter tece um perfil do cientista político Parag Khanna, com base em uma entrevista que fez com ele durante um percurso dentro do mais recente ônibus que integra o transporte coletivo da capital: o ligeirão. O texto é um relato desse irreverente passeio, em que a autora destaca os temas discutidos, e a opinião de Khanna sobre o sistema viário de Curitiba. Sobre isso, ele faz algumas observações, compara com outros países e por fim elogia o transporte da cidade.

O que chama a atenção é que no início do texto a autora conta que lhe acompanharam a filha, a mulher e a babá da criança, e sobre elas nada mais se fala além do nome. O homem intelectual é o foco da notícia e as pessoas retratadas ao seu redor não passam de um adorno para a contextualização do espaço. É difícil imaginar nesse caso específico como poderiam ser agregadas as outras componentes da cena. O problema é que essa matéria é apenas um exemplo da centralização de homens nas notícias, mas o fato se estende a tantas outras reportagens dos mais variados temas.



Nesses textos não há uma necessidade efetiva de que os personagens que não passam de adereços à cena estejam lá. As mulheres além de serem raras vezes o centro da notícia quando introduzidas em torno de uma outra situação não são apresentadas como fundamentais para o tema. Essas mulheres são colocadas com profissão e função na notícia que não interferem no assunto principal.

O complemento de uma análise qualitativa é fundamental para delimitar os assuntos específicos de cada matéria, mas só podem ser percebidos a partir de uma observação aprofundada. Com os exemplos mencionados, procurou-se destacar os diferentes modos pelos quais se constrói a presença feminina nas páginas dos jornais.

Considerações Finais

A partir da observação dos dados obtidos na coleta do jornal Gazeta do Povo no período considerado, bem como de algumas matérias que se destacaram na análise, pode-se concluir que o jornalismo atual acaba por reforçar certos estereótipos de gênero. Sua relação com as categorias estigmatizadas do âmbito feminino e masculino é de reprodução dos discursos sociais, muito mais do que de projeção de outras formas de representar homens e mulheres. O papel do jornalismo, ao se colocar como produto da sociedade e, ao mesmo tempo, produtor de representações, não é de quebra com as pré-concepções a respeito da presença de mulheres e homens como fontes nas notícias, conforme se observou na pesquisa, mas sim de reprodução dessas determinações.

Esta percepção parece pertinente justamente por colocar em discussão as implicações do trabalho simbólico desenvolvido pelo jornalismo na conformação da realidade, na medida em que os discursos jornalísticos em torno das representações de gênero constituem um campo maior de produção de sentido que incide na própria maneira como os fatos assumem existência pública no cotidiano da sociedade.



Referências bibliográficas

BUITONI, Dulcília. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa. São Paulo: Summus, 2009.

FUNK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres, Edunisc, 2005.

PEDRO, Joana. **Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. III Seminário Educação e Gênero, Tocantonópolis – TO , março de 2006.

PORTUGAL, Ana Maria; TORRES, Carmen (editoras). **Por todos los medios – Comunicación y Género**. Ediciones de las Mujeres n. 23. Santiago de Chile: Isis Internacional, 1996.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SOUSA, Jorge Pedro. **Os Estudos Jornalísticos após 1950: a consolidação de um campo científico**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estudos-jornalisticos-apos-1950.pdf>. Acesso em 10/04/2012.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1995.